

# Eles não usam *black-tie*

O ex-jateador de estaleiro José Pedro Silva adquiriu silicose no trabalho



Sérgio França

**O** íngreme lance de escadas que o ex-jateador de estaleiro José Pedro da Silva, de 51 anos, sobe todos os dias para chegar em casa não pode ser vencido às pressas. “Dá uma canseira, falta de ar”. Ele tem silicose, doença adquirida durante os 11 anos que trabalhou retirando ferrugem dos cascos de navio com jatos de areia. José frequenta periodicamente o Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesteh/Ensp/Fiocruz) para

acompanhar e controlar a evolução da doença, que não tem cura. O trabalho que debilitou o ex-jateador continua sendo feito por outras pessoas, nem sempre com os equipamentos de segurança adequados.

“Forneciam máscaras vagabundas para trabalharmos, me mudaram de lugar para trabalhar na pintura, mas não informavam a minha situação. Tive pneumonia e tuberculose. Retiraram mais de um litro de líquido do meu pulmão. Passei cinco meses tomando seis comprimidos todos os dias. Isso dá revolta porque decretaram falência para não nos pagar in-

denizações, mas continuam fazendo reparos em navios”, reclama Silva, que tem um processo na Justiça há seis anos e até agora não recebeu nada além dos R\$ 3.500 do processo de demissão. “É muito ruim saber que entrei lá com saúde e saí doente e sem poder trabalhar”.

Como ele, vários outros descobriram que sofriam da doença pelo Cesteh e são acompanhados pelos médicos do Centro. “Os trabalhadores da construção civil, dos estaleiros, da indústria têxtil, metalúrgicos e os da área de serviços não são apenas tratados no Cesteh. Eles passam por pro-

cessos educacionais, grupos de orientação e discussões sobre saúde, direitos etc”, diz o diretor do Centro, o pneumologista Hermano Albuquerque.

Pesquisas de laboratório sobre qualidade da água, solo e ar, análises de amostras de trabalhadores doentes e atuação na área de ensino, com cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*, completam a estrutura montada na Fiocruz para servir de referência internacional na área de saúde do trabalhador.

### **Doença do amianto**

A aposentada Ruth Maria Nascimento, de 46 anos, faz fisioterapia no ambulatório pelo menos uma vez na semana. Ela sofre de asbestose, doen-

ça causada pela inalação de grande quantidade de pó de amianto que leva a um endurecimento dos pulmões devido à fibrose pulmonar (acúmulo de tecido conjuntivo nos alvéolos pulmonares). O amianto ainda hoje é utilizado na fabricação de telhas, caixas d'água, sapatas para navios e freios de trem. “Tenho dificuldade de respirar, principalmente quando tento fazer qualquer esforço. Não posso mais lavar uma roupa, varrer a casa”, lamenta-se Ruth, ex-fiandeira da empresa Asberit (hoje Teadit), que se tornou presidente da seção carioca da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea).

A associação tenta reunir o maior número possível de trabalhadores que,

como Ruth, tenham contraído asbestose e demitidos (a Abrea estima cerca de 100 pessoas nessa situação), para que juntos ganhem força na luta pelos direitos na Justiça. “Temos um advogado nos representando, mas até agora não conseguimos uma proposta de indenização justa para o nosso caso. O processo já está na Justiça há seis anos”, diz Ruth, que sonha em terminar a casa com o dinheiro da indenização.

### **Quatro mil atendimentos ao ano**

Os atendimentos no ambulatório (cerca de quatro mil ao ano) são divididos em seis grandes áreas. A pneumologia, com os programas de

## **Análises de laboratório e ensino**

Com 2,5 mil análises por ano, o Laboratório de Toxicologia do Cesteh verifica a exposição do trabalhador e do ambiente de trabalho a substâncias químicas. “Prestamos assessoria técnica ao Ministério Público e às secretarias Municipal e Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, que recebem denúncias de problemas de saúde no trabalho. Identificamos o problema, analisamos os materiais e o processo de trabalho e fazemos um trabalho de orientação e comunicação de risco aos trabalhadores”, explicou Marcos Menezes, chefe do laboratório.

No laboratório são analisados poluentes orgânicos persistentes (POP), solventes orgânicos e compostos orgânicos voláteis (benzeno e tolueno, encontrados em refinarias e postos de abastecimento), metais (chumbo e outros encontrados em fábricas de fundo de quintal), pesticidas (análise em alimentos, solo, água e ar dessas substâncias que são cancerígenas e podem diminuir o rendimento escolar em crianças), particulados e fibras (amianto, silicatos) e o impacto ambiental de poluentes em rios.

Atualmente, uma pesquisa em Nova Friburgo estuda a exposição de trabalhadores de lavouras locais a

pesticidas, onde a concentração é três vezes maior do que a média do estado. Outro trabalho é a identificação da utilização de amianto ou silicato na construção de cinemas, igrejas e outras construções e o nível de exposição da população e dos trabalhadores. E ainda há a pesquisa sobre avaliação da poluição de ecossistemas aquáticos, que inclui a análise dos efeitos biológicos que a poluição causa nos peixes nos diversos níveis biológicos.

### **Mestrado e doutorado em saúde do trabalhador**

O ensino do Cesteh, coordenado por William Waissmann (mestrado e doutorado) e Márcia Agostini e Kátia Reis (especialização e atualização), faz parte do leque de cursos da Ensp e é voltado para a formação de recursos humanos na área de saúde do trabalhador, principalmente para o SUS. Só no curso de especialização em saúde do trabalhador, já foram formados mais de 430 especialistas desde 1986, em sua maioria médicos, enfermeiros e

assistentes sociais. “Nos últimos três anos, há a tendência de crescimento na procura pelos nossos cursos, principalmente por causa da nova normatização do Ministério da Saúde que exige uma equipe mínima qualificada em saúde do trabalhador nos níveis locais”, explica Kátia.



O efeito da poluição nos peixes é uma das linhas de estudo do Cesteh





Biólogo da Fiocruz  
recolhe amostra de  
água no rio Guarã,  
no município de Nova  
Iguaçu, para análise

estudo e tratamento de trabalhadores expostos a poeira, gases e vapores no trabalho, com exames de expirometria (medição da capacidade pulmonar), radiografias e análises clínicas, com colaboração do Instituto de Pesquisas Clínicas Evandro Chagas (Ipec/Fiocruz); a dermatologia, que lida com doenças de pele causadas por substâncias químicas, como dermatite; a toxicologia clínica que atende pacientes expostos a

# Engessados pela doença

Paula Lourenço

**C**onhecido como uma das atividades que geram o progresso econômico num dos rincões mais pobres do Brasil, o Pólo Gesseiro do Nordeste está provocando problemas de saúde pública na região. Com um faturamento anual de R\$ 240 milhões, a atividade emprega 12 mil pessoas no Sertão do Araripe, em Pernambuco, mas, ao mesmo tempo, vem sendo atrelada ao desencadeamento de doenças respiratórias, como pneumonia, bronquite e asma, além de irritações nos olhos, pele e nariz, conforme dados do Ministério da Saúde (MS) analisados por um estudo pioneiro no país desenvolvido no Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Recife.

A pesquisa também consistiu no levantamento de dados no local e constatou que o pólo tem trazido, ainda, implicações sócio-ambientais, en-

tre elas, intensificação da degradação da Caatinga (vegetação típica da região), êxodo rural e poluição de ar, solo e água. O levantamento foi feito para aprofundar os impactos do pólo em Pernambuco, de onde saem 95% do gesso consumido no território nacional.

No município de Araripina, responsável por 50% da atividade gesseira no estado e situado a 692 quilômetros do Recife, as doenças respiratórias correspondem à segunda maior causa de internações: 14,2% do total. Entre elas, as de pneumonia por microorganismo não especificado representam mais da metade dos diagnósticos de doenças do aparelho respiratório (55,7%), seguidas de asma (26,1) e bronquites agudas (5%). Quanto à distribuição das internações por faixa etária, 47% das ocorrências são de crianças menores de 9 anos de idade.

Do total de óbitos registrados em 2001, as doenças respiratórias são apontadas como a quarta causa, com 2,5%. As causas mal definidas repre-

sentam 57,7% do total, indicando um problema de assistência médico-hospitalar no município e na região, segundo o responsável pela pesquisa, o geógrafo Marcílio Medeiros, que concluiu o mestrado em saúde pública do CPqAM neste ano, com o financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe).

## Poeira do gesso provoca várias doenças

Em levantamento realizado com 426 pessoas do distrito de Morais, a 12 quilômetros da sede de Araripina, onde existem seis calcinadoras de porte médio e 19 fábricas de placa de gesso no perímetro urbano residencial, Medeiros constatou que a irritação nos olhos foi a de maior prevalência das queixas de saúde da população, com 42,9%; seguida por sangramento nasal, com 37%; tosse (28,3%) e irritação de pele (18,5%). Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontam que a poeira do gesso tem uma ação

substâncias químicas, como organofosforados (como inseticidas), chumbo e mercúrio, contando com exames modernos como a eletroneuromiografia, que verifica alterações nos nervos periféricos, comuns nessas intoxicações; a audiologia, que diagnostica surdez ocupacional e conta com uma cabine audiométrica, que mede a capacidade auditiva; saúde mental, com psiquiatria e psicologia, fazendo um trabalho preventivo e curativo relacionando saúde mental e trabalho; e a saúde da mulher, com serviço de ginecologia e de prevenção ao câncer de mama e de colo do útero, atendendo a cerca de 500 mulheres por ano.

A aposentada Ana Rosa de Oli-

veira, de 56 anos, é uma das pacientes que frequenta a ginecologia, além da fisioterapia. Ela teve tuberculose em 1970 (agravada pela presença do asbesto), afastou-se do trabalho por um ano e meio, mas voltou após o tratamento, apenas trocando de máquina. “Acho que já era asbestose. Sentia muita dor nas costas. Saí da empresa em 78 e fui trabalhar numa feira. Tinha muita tosse e falta de ar, mas nenhum médico descobria o que era. Aí soube de colegas que trabalhavam com amianto e estavam com problemas, sendo atendidas na Fiocruz”, conta dona Rosa, que viu cinco das colegas morrerem de asbestose.

Dona Rosa chegou a ficar internada por sete dias num hospital

público, no Rio de Janeiro, sem ter o diagnóstico correto. “A gente fica revoltada. Não sabia que o amianto fazia mal. Trabalhei 17 anos lá, desde os 14”, conta ela, que acabou aceitando o acordo com a Asberit de R\$ 25 mil, mais cesta básica e remédios por dois anos. “Cheguei até a entrar com o processo, mas nunca dava em nada. Então pensei: vou pegar o acordo antes que morra”, disse a aposentada que hoje mora sozinha (o marido morreu há alguns meses) e faz tratamento contra depressão. Suas principais alegrias são passar horas assistindo TV ou frequentar os cultos e o coral da igreja, quando tem ânimo ou quando a doença permite. \*

irritante na mucosa do trato respiratório e nos olhos, desencadeando afecções como conjuntivite, rinites crônicas, laringites, faringites, perda da sensação do olfato e do paladar, hemorragias de nariz e reações das membranas da traquéia e brônquias dos trabalhadores expostos.

Sobre as irritações oculares, as mulheres foram as que mais se queixaram, com 65,4%. As referências de problemas na conjuntiva ocular acometem principalmente as pessoas com idades entre 21 e 40 anos (32%). A mesma faixa etária aparece como maioria quando o assunto é sangramento nasal, com 30% das queixas. A tosse, caracterizada como seca e persistente por mais de 30 dias, afeta, sobretudo, a população menor de 10 anos de idade (21%). “Isso deve acontecer porque o aparelho respiratório dessa faixa etária ainda respira com cerca de um sexto do número de alvéolos pulmonares presente na vida adulta”, complementou Medeiros. Sobre as reclamações de irritação na pele, as mulheres, novamente, figuram no primeiro lugar, com 68,2%. Em relação à faixa etária, o problema acomete

mais os adultos de 21 a 40 anos, que representam 33% dos casos.

Embora a população de Araripina tenha um atendimento municipalizado (a cidade tem uma gestão plena em atenção básica à saúde desde 1997), o pesquisador obteve junto à Secretaria Municipal de Saúde a informação de que a falta de capacitação e rotatividade dos agentes de saúde, médicos e enfermeiros do Programa de Saúde da Família (PSF) resulta em pouca efetividade das ações. Diante da carência, o CPqAM e o MS deverão firmar um convênio para capacitar a rede de saúde municipal, com o objetivo de diagnosticar o tratamento dos sintomas respiratórios da população exposta à poeira do gesso.

## **Extração polui ar, água e solo**

Não é só a saúde da população que vem sofrendo os efeitos da exposição à poeira do gesso. O meio ambiente tem sido impactado pela falta de uma política energética adequada a essa atividade produtora que, além de contribuir com o processo de desertificação devido ao desmatamento da vege-

tação da Caatinga, provoca a poluição do ar, solo e água. A queima da madeira e a combustão de derivados do petróleo, como o óleo BPF e o coque, são fontes de poluição por hidrocarbonetos aromáticos, nocivos à saúde humana. As partículas de gesso também colaboram com a poluição da atmosfera. “Além disso, os resíduos do processo produtor em geral são jogados em terrenos baldios ou circunvizinhança das fábricas”, explicou Medeiros.

Com o esgotamento dos recursos vegetais, o encarecimento dos derivados de petróleo e a falta de política integrada para o desenvolvimento sustentável da região, o geógrafo sugeriu o óleo combustível derivado da mamona como uma opção energética. Segundo ele, o produto já representou importante atividade agroindustrial da região nas décadas de 70 e 80. “Outra opção seria a produção de madeira derivada do manejo e do reflorestamento”, comentou. Ele apontou, inclusive, que o extrativismo vegetal da Caatinga constitui o maior crime ambiental da região, intensificando o processo erosivo e a desertificação alertados por ambientalistas atuantes na área.